

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO  
PSICANÁLISE NAS SITUAÇÕES SOCIAIS CRÍTICAS

Graziela Andrade Rojas

Representar a ausência: a figurabilidade do sonho no luto do desaparecimento

SÃO PAULO  
2023

Graziela Andrade Rojas

Representar a ausência: a figurabilidade do sonho no luto do desaparecimento

Trabalho Final apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de ESPECIALISTA em **Psicanálise nas situações sociais críticas**, sob orientação do Prof. Dr. **Fábio Luís Ferreira Nóbrega Franco**.

SÃO PAULO

2023

**Graziela Andrade Rojas**

**Representar a ausência: a figurabilidade do sonho no luto do desaparecimento**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de ESPECIALISTA em Psicanálise nas situações sociais críticas

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio Luís Ferreira Nóbrega Franco, Presidente

---

Prof. Dr.

---

Prof. Dr.

## RESUMO

O artigo busca compreender a função dos sonhos, em especial seu mecanismo de figurabilidade em trabalhos de luto em que são vivenciados impasses para sua elaboração, tal como o desaparecimento. Segundo o Ministério Público do Rio de Janeiro, no ano de 2022 cerca de 85 mil pessoas desapareceram no Brasil, isto é, cidadãos, inseridos em um meio social, vinculados a uma família e/ou amigos e carregando consigo uma história, de um dia para o outro se encontram em um limbo entre a existência e não existência. A partir de relatos retirados de artigos, documentários e entrevistas, observa-se o sofrimento de familiares de desaparecidos, que lidam com a falta de implicação do Estado e o imensurável sentimento de não saber, em que a ausência de uma ruptura com o objeto não oferece condições para um trabalho de luto finito. Portanto, frente a um sofrimento que se reatualiza todos os dias com a ausência, aquele que procura encontra-se em um sofrimento de pouca mobilidade, e o presente artigo baseado nos relatos de sonhos apresentados, compreende-se que através das representações visuais produzidas por meio do mecanismo de figurabilidade durante o processo de elaboração onírica constrói-se uma ligação entre a ausência e a possibilidade manifestar à perda, e assim representá-la.

## **ABSTRACT**

This article seeks to understand the functionality of dreams, in particular their mechanism of figurability in mourning process, which stalemates are experienced in their elaboration, such as disappearance. According to Rio de Janeiro's Public Ministry, 85 thousand people disappeared in Brazil in the year of 2022. Through reports from news articles, documentaries and interviews, we have the ability to observe the suffering of relatives and others close to the missing, who deal with the lack of state involvement and absence of closure, and find themselves in an unending cycle of grief. Therefore, facing a suffering that is renewed each day with the missing person's absence, they find themselves incapable of moving forward. It is observed assumes that the dream elaboration through the mechanism of figurability and visual representation can build a connection bridging the absence and the expression of loss, allowing the relatives and close ones to process through the grief.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>9</b>
<b>3 CONCLUSÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No primeiro tempo de desenvolvimento da teorização dos sonhos, Freud o compreende como a realização de um desejo reprimido. Em “A interpretação dos sonhos” (FREUD, 2018), ele apresenta um sonho de sua filha, Anna Freud, que aos 19 meses de idade, em decorrência de uma indigestão, ficou sem comer durante o dia e ao longo da noite, enquanto dormia, exclamava por “molangos”. Segundo sua cuidadora, o adoecimento ocorreu devido a ingestão de morangos, que por hora haviam ficado restritos a garota. “Assim, ela retaliou no sonho contra esse veredicto indesejável” (FREUD, 2018, p. 133).

Entende-se que o sonho é uma das formações do inconsciente, em que se opera a condensação, o deslocamento, a figuração e a figurabilidade. Esses mecanismos atuam com a finalidade de converter o sonho latente em sonho manifesto. O conteúdo latente é aquele em que exprime o que mais se aproxima do factual do sonho, já o conteúdo manifesto é o narrado pelo sonhador transfigurado pelos mecanismos citados acima. Pode-se dizer que o mecanismo da condensação é um processo em que diversos pensamentos oníricos se fundem, tornando-se um só, possibilitando assim sua expressão. Um exemplo comum é quando o sonhador relata que tem a sensação que no sonho pessoas diferentes eram uma só, ou seja, foram condensadas em uma só. Já o deslocamento, que se encontra a serviço da censura, produz uma substituição de um pensamento com grande carga afetiva para um outro objeto de menor carga afetiva. Desse modo, o conteúdo onírico de maior relevância para o processo de elaboração onírica fica em segundo plano, enquanto um conteúdo superficial é enfatizado. (FREUD, 1996, p.111-113)

A respeito da figuração e da figurabilidade, entende-se que se tratam de mecanismos distintos, sendo a figuração a ação de transformar pensamentos em imagens e a figurabilidade uma propriedade do inconsciente que tornará viável o processo de figurar, com o objetivo de driblar o recalque e trazer para a consciência o pensamento inconsciente por meio de suas representações visuais. Tanto a figuração quanto a figurabilidade podem ser compreendidas como estruturantes do sonho, uma vez que é por meio destas que o sonho ganha sua própria linguagem pictográfica, que se desenvolve a partir de um processo regressivo, pois na constituição do psiquismo, as primeiras representações são construídas através de inscrições sensoriais que, posteriormente, por intermédio da linguagem, ganham significação, e durante a elaboração onírica acontece um processo inverso: o que

havia sido representado na palavra retorna como uma formação visual enigmática. (FREUD, 1996, *apud*, IBERTIS, 2017, p. 59-62)

Um bom exemplo é o relato de Freud em “A Interpretação dos sonhos” (FREUD, 2018). Ao narrar um sonho anterior ao funeral de seu pai, onde avista um cartaz semelhante às placas de ‘proibido fumar’, em que dizia: “Pede-se que você feche os olhos” ou “Pede-se que você feche um olho”. A associação aqui presente diz respeito a escolha em seguir o desejo de seu pai ao realizar um funeral simples, decisão contrária a escolha de sua família, que interpretava a simplicidade como uma desonra. Assim, Freud interpreta o sonho do seguinte modo: “Pede-se que você feche um olho”, ou seja, “feche os olhos” ou “faça vista grossa”. Com base nesse sonho de Freud, é possível identificar o mecanismo da figurabilidade e condensação e perceber como os mecanismos presentes na elaboração onírica relacionam-se entre si, em uma imagem apresentada no sonho existem vários elementos condensados, assim como o deslocamento facilita a atuação da condensação. (FREUD, 2018, p. 291-292)

O mecanismo de deslocamento viabiliza a figurabilidade na medida em que ocorre uma passagem do pensamento onírico abstrato para uma imagem possível de ser representada. Em decorrência desse aspecto, compreende-se que a figurabilidade do sonho seria uma ponte entre o irrepresentável e a possibilidade de nomeação, e, com base nesse mecanismo, pode-se aferir sobre o potencial da figurabilidade do sonho em propiciar a elaboração através de suas representações visuais em situações traumáticas que permeiam o não representável, o que escapa a palavra e que, no campo dos sonhos, pode ser aludido em formações sensoriais para que posteriormente obtenham nomeação.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Em “Além do princípio do prazer” (2010), após o fim da primeira guerra, a teoria freudiana a respeito da função dos sonhos ganhou outros desdobramentos, pois aqueles que retornavam com vida da guerra carregavam experiências traumáticas que eram revividas via sonho, em que o sonhador regressava à cena disparadora do trauma repetidas vezes, como tentativa elaboração, uma vez que o traumático vivido na neurose de guerra para Freud (2010) se estabelece *principalmente pelo fator da surpresa, do terror*. Então, os sonhos pós-guerra consistiram em uma tentativa de representar o irrepresentável, o vivido que ficou “solto” no psiquismo e que busca na repetição do sonho a inscrição do experienciado. Com base nisso, Freud teoriza a respeito de uma outra função atribuída ao sonho:

Mas podemos supor que desse modo eles contribuem para outra tarefa, que deve ser resolvida antes que o princípio do prazer possa começar seu domínio. Tais sonhos buscam lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornara-se a causa da neurose traumática. Assim nos permitem vislumbrar uma função do aparelho psíquico, que, sem contrariar o princípio do prazer, é independente dele e parece mais primitiva que a intenção de obter prazer e evitar desprazer (FREUD, 2010, p. 143).

Ou seja, através dos sonhos de repetição, o afeto vivido durante o episódio traumático, que esburaca o psiquismo, seria revivido, proporcionando ao sonhador espaço para restauração da cena traumática.

Observa-se no artigo “A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional” (VIANNA; FARIAS, 2011) o potencial elaborativo do sonho. No artigo é discutido sobre o protagonismo simbólico das mães e do gênero feminino em busca de justiça por seus filhos, sobrinhos e netos. Em determinado momento, o desfecho de um júri é citado, em que o policial que havia assassinado Miguel, um jovem rapaz, é absolvido, e ao final da julgamento, a mãe, Dona Andréia, que lutava arduamente por justiça, estava calma com a decisão, e ao ser questionada, Andreia disse que havia sonhado com seu filho na noite anterior, e que ele havia dito que a justiça viria, mas não naquele momento. Entende-se que foi possível que a mãe de Miguel tenha encontrado nesse sonho amparo para produzir um sentido, e assim elaborar o trauma vivido, não apenas do assassinato de seu filho, mas a forma como a morte foi compreendida, uma vez que para o Estado, o assassinato de Miguel era justificável, visto que foi acusado de ser um traficante.

Andreia, acima de tudo, lutou para “limpar o nome” e “defender a memória” de seu filho.

Contudo, existe uma outra situação social crítica passível de investigação, em que familiares resistem arduamente em preservar a existência e memória de seus entes queridos: o desaparecimento.

Segundo o Ministério Público do Rio de Janeiro, no ano de 2022 cerca de 85 mil pessoas desapareceram no Brasil, isto é, cidadãos com nome e sobrenome, inseridos em um meio social, vinculados a uma família e/ou amigos e carregando consigo uma história, de um dia para o outro se encontram em um limbo entre a existência e não existência (BRASIL, 2022).

No documentário "Procura-se", que apresenta histórias de mães que buscam seus filhos e integram a ONG Mães da Sé, é possível observar os impasses não apenas do ponto de vista psíquico, mas também do lugar social que o desaparecimento ocupa (PROCURA-SE..., 2020). Conforme Franco (2019, p. 243):

O desaparecimento de pessoas é um fenômeno que desaparece: existem poucos registros desses casos e, geralmente, eles são incompletos; as instituições públicas, salvo exceções, não possuem protocolos específicos para a correta abordagem desse problema; e os sistemas oficiais de informação ainda não foram suficientemente integrados de forma a permitir a busca, a localização e a identificação de desaparecidos no território nacional.

Em relação ao manejo do desaparecimento nas instituições públicas, é notada a violência e banalização no relato de Lucineide, que desde 2008 busca seu filho desaparecido no extremo sul de São Paulo (PROCURA-SE..., 2020).

É desgastante você fazer um boletim de ocorrência, é desgastante os policiais como te tratam, é desgastante você não ter uma direção porque eles falam “Ah! tá na casa da namoradinha” “Ah! ele não é usuário?” e reforça a indiferença do estado em relação ao desaparecimento, “... se interligar hospital, presídio, não vai achar? Se você tem um carro e ele é roubado, você pode encontrar ele lá na Bahia. Não tem importância uma vida? Pro estado uma vida não vale nada? (PROCURA-SE..., 2020).

O questionamento de Lucineide “Pro Estado uma vida não vale nada?” (PROCURA-SE..., 2020) pode ser relacionado ao conceito de necropoder (MBEMBE, 2018), que consiste na “técnica de governamentalidade da vida pela qual a maior expressão da soberania é dada pela capacidade de decidir quem deve viver e quem vai morrer” (SOUZA, 2020 p. 41). Ainda que no desaparecimento não ocorra a efetivação da morte, existe uma descontinuidade da vida do sujeito desaparecido, e considerando o relato de Lucineide, percebe-se que o Estado lida

com o desaparecimento de um modo estrategicamente omissivo, pois a banalização e a falta de investimento nas buscas seriam formas de contribuir com a violência do desaparecimento e não responsabilização pela problemática em questão, endereçando a responsabilidade exclusivamente para a família do desaparecido. Em vista disso, aquele que procura, lida não apenas com o sofrimento da ausência, mas também com a violência produzida pelo Estado.

A respeito do sofrimento psíquico ocasionado pelo desaparecimento, Lucineide (PROCURA-SE..., 2020) afirma:

E depois que ele sumiu a gente começou por perder o equilíbrio, porque você começa, você fica surtada, você imagina quem tá do outro lado, acha que o desaparecimento é eu vou ali e daqui alguns anos eu volto. Gente não é. Quando alguém morre você enterrou, voltou do cemitério você fala: poxa, agora ela tá descansando ou ele tá descansando, e o desaparecimento não, você não sabe o que aconteceu, você não sabe onde a pessoa tá, você fica assim sem rumo, sem direção, é uma coisa que você procura nos quatro cantos, mas você não sabe pra onde você vai.

O relato de Lucineide apresenta uma diferença importante em relação a um enlutamento em decorrência da morte e o desaparecimento. A dimensão do não saber coloca aquele que procura em um estado de aflição que não cessa.

Para Catela (CATELA 1998, p. 57 *apud* CATELA, 2001 p.212) “o desaparecimento pode ser pensado como uma morte inconclusa”. Em vista disso, seria possível que aquele que procura realizasse um trabalho de luto frente ao desaparecimento? De acordo com Freud em “Luto e Melancolia” (2012, p.28) “O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal, etc”.

Em entrevista ao portal UOL, a fundadora da ONG Mães da Sé, Ivanise Esperidião, que teve sua filha, Fabiana Espiridião, desaparecida aos 13 anos em 1995, relata:

É claro que o começo foi muito difícil, eu passei 53 dias em estado de choque. De noite, quando eu não saía para procurá-la pelas ruas, passava o tempo todo no sofá, ao lado do telefone, esperando uma notícia. De manhã, eu a procurava em hospitais, abrigos, IMLs... Não dormia e nem comia. Com isso, fui ficando muito debilitada. Doente mesmo, sem forças... (CARVALHO, 2020, p. 3).

Pode-se hipotetizar que a descrição do sofrimento vivido por Ivanise se assemelha, em alguns aspectos, a um enlutamento. De acordo com Freud (2012, p. 28):

O luto profundo, a reação à perda de uma pessoa amada, contém o mesmo estado de ânimo doloroso, a perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não faz lembrar o morto –, a perda da capacidade de

escolher um novo objeto de amor – em substituição ao pranteado – e o afastamento de toda e qualquer atividade que não tiver relação com a memória do morto.

Observa-se que no relato de Ivanise seus dias passaram a ser dedicados à procura de sua filha, ou seja, houve um apego libidinal ao objeto perdido e foi retirado o investimento libidinal do mundo externo. Entretanto, entende-se que a teoria freudiana do luto não conseguiria compreender por completo sofrimentos como o de Lucineide e Ivanise, visto que no luto do desaparecimento a família do desaparecido fica presa em um luto indeterminado, dado que a não concretização da morte impossibilita o desligamento da libido endereçada ao objeto. Um exemplo a ser observado são as famílias que deixam o quarto e os pertences do desaparecido intactos, e o motivo relatado é que quando a pessoa retornar a família deseja que tudo esteja do jeito que foi deixado por ela, e esse congelamento talvez represente o estado que se sente frente ao desaparecimento. Para Teles (2010, p.3):

O silêncio e o esquecimento introduzidos pelo terror do desaparecimento criam uma situação sem um fim, perpetuando a tortura que é vivenciar a ausência dos corpos e de informações a respeito dos parentes queridos. O desaparecimento e a falta de um momento de luto assumem uma dimensão tal que impossibilita a emergência de representações de um corte, de um antes e um depois.

Mas, se a ausência de uma ruptura com o objeto não oferece condições para um trabalho de luto, então resultaria em um quadro melancólico? Duas hipóteses frente a esse questionamento serão trabalhadas a seguir, no entanto, para elaboração dessa suposição é importante conceber o que a teoria freudiana do luto apresenta sobre o fim do processo de enlutamento.

No artigo “Teoria do Luto em Psicanálise”, Dunker (2019) refere-se ao trecho em que Freud desenvolve sua teoria a respeito da conclusão do trabalho do luto, “cada luta isolada da ambivalência distende a fixação da libido ao objeto, depreciando-o, denegrindo-o e mesmo, por assim dizer, matando-o” (FREUD, 2012, p. 82). Desse modo, Dunker (2019) articula que um trabalho de luto se conclui quando é possível “matar o morto”.

Matar o morto é separar-se dele, é sepultá-lo psiquicamente. Em alusão aos rituais fúnebres, é encontrar meios de construir um túmulo internamente: visita-se o cemitério, sente-se saudades, leva-se flores no dia dos finados e preserva-se a memória daquele que se foi, mas só é possível fazer tudo isso porque o morto foi sepultado. Foi internalizado que não foi somente o outro quem te deixou, você

também o deixou e não foi apenas o morto que se foi, algo seu também foi perdido nesse luto. E talvez o potencial transformador do luto seja o questionamento feito a si mesmo: o que fazer com o que foi perdido?

Contudo, essas considerações abrangem um trabalho de luto finito, mas e no caso do desaparecimento em que a morte não é objetivada, mas existe a perda da presença do desaparecido, que é acompanhada de um imensurável não saber, abrindo espaço para diversas fantasias a respeito de seu destino?

Uma hipótese passível de compreensão acerca do sofrimento dos familiares de desaparecidos, seria considerá-lo como um estado melancólico, de acordo com Franco (2021, p. 112):

Apesar das dificuldades em estabelecer uma distinção precisa entre luto e melancolia, Freud insistia que esta última ocorre quando, uma vez desfeito o investimento libidinal com algo exterior – uma pessoa, coisa ou ideal – cuja perda não pode ser admitida, a libido livre não se vincula a um novo objeto, como aconteceria no processo normal do luto, mas se retira para o Eu, produzindo a identificação deste com o objeto abandonado. Por isso, conclui Freud utilizando uma fórmula que se tornou célebre: “[...] a sombra do objeto caiu sobre o Eu, que então pode ser julgado por determinada instância como um objeto, como o objeto abandonado”, ou seja, o Eu foi eclipsado pelo objeto abandonado, tornando-se ele mesmo um objeto abandonado.

Desse modo, conforme Franco desenvolve em seu trabalho, a impossibilidade de viver a perda pode fazer com que aqueles que procuram “incorporem essa morte no Eu, transformando-o em um Eu já morto, tão espectral quanto os cadáveres que não puderam sepultar” (FRANCO, 2018, p. 205-206).

A partir da perspectiva desenvolvida por Franco acerca da hipótese sobre o estado melancólico vivido por quem procura e também seu olhar quanto a representação do sujeito desaparecido, pois segundo o autor, a única “inscrição social possível do desaparecido é na forma de um sujeito espectral, fantasmagórico” (FRANCO, 2018, p. 156), abre-se um viés de exploração, pois, seria possível introjetar um fantasma no Eu?

Desse modo, outra perspectiva a respeito do enlutamento no desaparecimento também pode ser hipotetizada. Dunker (2019, p. 42), desenvolve uma terceira pressuposição a respeito do direcionamento do trabalho de luto, ele discorre sobre a noção de luto infinito: “um luto que não acaba e que não é um luto melancólico nem depressivo”, pois compreende-se que na melancolia existe uma introjeção do objeto perdido no eu que é acompanhada de auto recriminação, uma vez que a ambivalência endereçada ao objeto recai sobre o ego. Contudo, no luto

infinito, entende-se que o ego não está tomado pelo objeto. Pensando em termos freudianos, a libido endereçada ao desaparecido fica “solta”, investida em um objeto que não mais se faz presente na realidade, mas que ao mesmo tempo não deixou de existir, tal qual um fantasma, conforme Franco definiu.

Cecconi (2014) em seu trabalho “Cuando las almas cuentan la guerra. Sueños, apariciones y visitas de los desaparecidos en la región de Ayacucho” apresenta relatos de sonhos da comunidade Ayacuchanas, localizada no Peru, após intensa situação de violência militar, sendo uma das expressões de violência, o desaparecimento. E nesses relatos é possível visualizar os impasses vivenciados acerca da ausência do ente querido. Um dos sonhos apresentados é o de Juana:

En mi sueño, mi hermano había vuelto, mi hermano ha desaparecido en el 85. Entonces en mi sueño había regresado y había comprado una cocina, ha salido de la calle a la casa y ha traído una cocina grande y ha prendido... solito estaba prendiendo la cocina, y yo le decía, ‘¿para qué has comprado?’ ‘¿dónde estabas?’. El dijo, ‘estaba en Muskapata nomás, por eso un ratito me han mandado para comprar esta cocina, voy a probar’ diciendo y ha prendido la cocina (CECCONI, 2014, p.15).

No dia seguinte, Juana ficou sabendo que estavam exumando corpos em uma vala perto do quartel “Los Cabitos”, e perto desse quartel havia um crematório, o que levou Juana a associar seu sonho com a possibilidade do corpo de seu irmão estar nessa vala, visto que durante o sonho ele estava perto de uma fogueira, “con la intención de encender la estufa de la cocina” (CECCONI, 2014, p.15). Seu corpo não foi encontrado, no entanto, é possível visualizar no sonho de Juana os mecanismos presentes na elaboração onírica: a figurabilidade e o deslocamento, e através desse sonho se inscreve uma diferença na busca de Juana, que relata: “para estar en paz sería suficiente encontrar sus huesos” (CECCONI, 2014, p.15). No seguinte sonho também é possível visualizar alguma movimentação frente ao trabalho de luto:

Quando yo de noche dormía, yo soñaba que él venía y me decía ‘no llores, no sufras tanto’. Me decía ‘tú sufres mucho, yo te puedo llevar’. Me decía ‘te puedo llevar, no te llevo, por mis hijos no te llevo, ¿quién va a ver a mis hijos?’ (...) y me decía ‘yo voy a venir, todos los días, voy a estar aquí, no te preocupes, yo voy a estar todos los días aquí, pero poco a poco voy a ir alejándome’, decía (CECCONI, 2014, p.15).

Observa-se no sonho que através da imagem do desaparecido foi possível que a esposa produzisse um sentido frente a ausência, em que encontrou motivação para não sucumbir a perda, e vislumbra o percurso do trabalho luto, representado na fala do desaparecido: “estarei aqui todos os dias, mas aos poucos

vou me afastando” (CECCONI, 2014, p.15, tradução nossa). Nos sonhos mencionados acima foi visualizado que a manifestação da imagem do desaparecido produziu algum deslocamento frente a perda vivida.

### 3 CONCLUSÃO

Supõe-se que, apesar das distinções trabalhadas até aqui, o luto finito, luto infinito e luto melancólico se esbarram em um ponto: embora seja importante os rituais fúnebres para elaboração da perda, no fim das contas, o trabalho do luto é realizado com o que foi internalizado do outro, as memórias e os traços que tornavam aquela pessoa única, assim como faz parte do processo de enlutamento quando pode-se reconhecer que também foi perdido algo próprio com essa perda, e esse exercício de reconhecimento, não é um processo simples ou linear, e quando o trabalho de luto é atravessado por situações de violência, como por exemplo no caso de Andreia, citado anteriormente, acarretam-se impasses que complexificam o trabalho de luto, pois Andreia não lidava apenas com a morte de seu filho, mas também pela busca por justiça, que não aconteceu. No entanto, percebe-se que por meio do sonho que tivera com seu filho, o qual afirmava que a justiça aconteceria em outro momento, foi possível produzir um sentido para o sofrimento vivenciado.

Apesar do trauma vivido por Andreia, existe uma diferença essencial do sofrimento vivido no desaparecimento, em que a privação da morte dificulta a ruptura com o objeto, e a ausência da corporeificação do desaparecido fixa quem procura em um sofrimento de pouquíssima mobilidade.

Contudo, observa-se que no relato de Juana, em que o sonho com seu irmão desaparecido próximo a uma fogueira é suficiente para que ela associe com a informação que obteve no dia seguinte, no qual soubera da exumação de corpos não identificados próximo a um crematório, o que a faz pensar na possibilidade de que o corpo de seu irmão estivesse nessa vala. O corpo não foi encontrado, mas fica evidente que após o sonho, Juana se posiciona de uma outra maneira frente ao luto: já não busca seu irmão com vida e sim considera que para ter paz bastaria encontrar seu corpo, ainda que Juana não o encontre, entende-se que através desse sonho ela consegue “dar corpo ao desaparecido”, pois a elaboração encontra-se na possibilidade de Juana assentir a morte, e portanto já não se trata de um desaparecido fantasma, e sim de um morto.

Com base nos relatos de sonhos apresentados, é possível observar que através das representações visuais produzidas por meio do mecanismo de figurabilidade na elaboração onírica, constrói-se uma ligação entre a ausência, que

até então ficará permeada pela angústia do não saber, impossibilitando sua inscrição simbólica, e a possibilidade manifestar à perda, e assim representá-la.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Informações sobre desaparecidos serão aperfeiçoadas para melhor divulgação e compartilhamento. **Portal Gov.br**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/justica-e-seguranca/2022/05/informacoes-sobre-des-aparecidos-serao-aperfeicoadas-para-melhor-divulgacao-e-compartilhamento>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- CARVALHO, D. Fundadora das Mães da Sé mantém a esperança de encontrar filha após 26 anos. **Universa Uol**, São Paulo, maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/05/10/fundadora-das-maes-d-a-se-mantem-a-esperanca-de-encontrar-filha-apos-26-anos.htm>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- CATELA, L. da S. Desaparecidos e Direitos Humanos: entre um drama nacional e um dilema universal. *In*: NOVAES, R. R.; LIMA, R. K. de. (org.). **Antropologia e Direitos Humanos**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2001, p. 203-266.
- CECCONI, A. Cuando las almas cuentan la guerra: sueños, apariciones y visitas de los desaparecidos en la región de ayacucho. *In*: DEL PINO, P.; YEZER, C. (ed.) **Las formas del recuerdo: etnografías de la violencia política en el Perú**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2013. p. 153-192.
- DUNKER, C. I. L. Teoria do Luto em Psicanálise. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 28-42, dez. 2019. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226>. Acesso em: 2 jun. 2023.
- FRANCO, F. L. F. N. **Da biopolítica à necrogovernamentalidade**: um estudo sobre os dispositivos de desaparecimento no Brasil. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) - Curso de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- FRANCO, F. L. F. N. Dispositivos de desaparecimento e políticas de luto. *In*: LOPEDETE, M. L. G. *et al.* (org.). **Corpos que sofrem**: como lidar com os efeitos psicossociais da violência? São Paulo: Elefante, 2019, p. 243-253.
- FRANCO, F. L. F. N. **Governar os mortos**: Necropolíticas, desaparecimento e subjetividade. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- FREUD, S. ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER (1920). *In*: FREUD, S. **Freud (1917-1920)** - Obras completas volume 14: "O homem dos lobos" e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 121-171.
- FREUD, S. **Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise** (partes I e II) (1916-1917) (Volume 15). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

IBERTIS, C. Figuração e figurabilidade: no início eram as sensações. **Natureza humana**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 57-74, jul. 2017. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302017000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 4 jul. 2023.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PROCURA-SE. Direção e produção: Guilherme Dias. Salto: Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i0CzebRCpPY>. Acesso em: 25 junho 2023.

SOUZA, L. A. de P. A pandemia e seu depois: há caminhos para curar o futuro sob o capitalismo? **Cibertecnologia**, São Paulo, n. 64, p. 31-45, 2020. Disponível em: [https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao\\_20201125110455.pdf](https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_20201125110455.pdf). Acesso em: 30 maio 2023.

TELES, J. de A. Os testemunhos e as lutas dos familiares de mortos e desaparecidos políticos no Brasil. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS DE LA MEMORIA. [2010], Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: Centro Cultural de la Memoria Haroldo Conti. [2010]. Disponível em: [http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2010/10/mesa-12/teles\\_mesa\\_12.pdf](http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2010/10/mesa-12/teles_mesa_12.pdf). Acesso em: 26 de junho 2023.

VIANNA, A.; FARIAS, J. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 37, p. 79-116, dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/VL8rMW8kJGpHgxBZwWt9bMt/?lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2023.